



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

LITERATURA FEMININA: BUSCA POR UM PERFIL DAS AUTORAS PARAIBANAS

José de Sousa Campos Júnior

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - (c.josedesousa@yahoo.com.br)

Resumo:

No que diz respeito à literatura paraibana, a crítica e os trabalhos acadêmicos geralmente tratam das obras de autores do gênero masculino, deixando a literatura feminina produzida na Paraíba em um lugar secundário. O objetivo deste trabalho é traçar um perfil geral das escritoras paraibanas. Para atingir tal objetivo tomaremos como base os resultados de um levantamento dos nomes das autoras paraibanas realizado em pesquisa anterior, cuja finalidade foi a elaboração de um catálogo dessas autoras. Refletiremos acerca de aspectos historiográficos e canônicos que estão envolvidos no processo de reconhecimento de determinado grupo literário. Dessa forma, nos deteremos em variáveis como data de publicação de suas obras, local de publicação, se em coletâneas ou obras individuais, profissão e gêneros literários, cujos dados servirão como ponto de partida para a elaboração de do perfil das autoras paraibanas.

Palavras-chave: Literatura de autoria feminina; cânone; historiografia; literatura paraibana.

INTRODUÇÃO

A literatura paraibana produzida por mulheres no estado da Paraíba vem adquirindo destaque nos últimos anos. Porém, ainda permanece em um lugar secundário em relação à produção masculina. É necessária uma maior democratização e ampliação no que se refere ao âmbito da crítica literária e mercado editorial, para que assim haja um maior desenvolvimento dessa produção, contribuindo para um aumento do público leitor.

O objetivo deste trabalho é traçar um perfil geral das escritoras paraibanas. Para atingir tal objetivo tomaremos como base os resultados de um levantamento dos nomes das autoras paraibanas realizado em pesquisa anterior, cuja finalidade foi a elaboração de um catálogo dessas autoras. Refletiremos acerca de aspectos historiográficos e canônicos que estão envolvidos no processo de reconhecimento de determinado grupo literário. Dessa forma,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

nos deteremos em variáveis como data de publicação de suas obras, local de publicação, se em coletâneas ou obras individuais, profissão e gêneros literários, cujos dados servirão como ponto de partida para a elaboração de do perfil das autoras paraibanas.

A relevância deste trabalho reside no fato de ajudar a se pensar numa nova configuração da literatura paraibana contemporânea, uma vez que, ao ser contemplada também a produção feminina, há uma contribuição na reflexão em torno do fenômeno literário e das relações de poder que o determinam. Além disso, ao por em destaque essa produção estadual, mais especificamente a literatura escrita por mulheres, estaremos contribuindo para que estas possam adquirir espaço entre leitores e críticos literários estaduais e nacionais.

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ESCRITORAS PARAIBANAS

Este trabalho toma como base para discussão e teorizações uma catalogação das autoras paraibanas realizada em momento anterior. Assim, o levantamento dos nomes das escritoras paraibanas seguiu algumas orientações metodológicas. Primeiramente, não houve uma determinação prévia de um recorte temporal. A intenção foi catalogar o máximo possível de autoras, independente da época em que publicaram suas obras e do gênero literário em que se expressaram. Não estabelecemos nenhum recorte temporal que precisasse um período ou interstício que servisse de baliza para a pesquisa feita, porém delimitamos o ano de 2013 como data limite da catalogação, independentemente de os textos encontrados fazerem referência a quaisquer temporalidades. O segundo critério foi o fato de terem livros publicados, individualmente ou fazendo parte de coletâneas. Não consideramos aqui publicações em formato de pequenos livretos (que tenham menos de 49 páginas), bem como em revistas e jornais, uma vez que estes três suportes não se configuram tecnicamente como livros. Para a Fundação Biblioteca Nacional e Academia Brasileira de Letras, considera-se, no Brasil, livro, quanto à extensão, aquela publicação que apresenta o mínimo de 49 páginas; os textos (poemas, crônicas, contos, ou outros) publicados em livros e revistas não podem ser



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

inclusos na pesquisa porque, pela efemeridade dos suportes (revistas e livros têm um curto período de vida, de influência entre leitores), não nos serve como baliza para a pesquisa que empreendemos.

Como terceiro critério, consideramos “escritora paraibana”, neste trabalho e na catalogação, as mulheres que vivem no estado da Paraíba, isto é, aquelas que têm como contexto de produção o território paraibano. Em sua maioria são mulheres que também nasceram neste estado, todavia, há também aquelas que são radicadas no referido estado, ou seja, aquelas que nasceram em outro estado, mas que constituíram suas vivências em território paraibano já há muitos anos, ou seja, são pessoas radicadas na Paraíba. Nesses casos, são interpretadas como paraibanas porque suas vivências pessoais têm como cenário o espaço físico paraibano. Assim, todas as escritoras que são chamadas aqui de ‘paraibanas’ tiveram sua personalidade intrinsecamente marcada pela socialização no território paraibano. Fato que pode interferir, em algum momento da escrita, como fator afirmativo ou revelador de contextos de pertença ou de discussão de pertenças, como por exemplo, a representação de espaços tipicamente nordestinos, visto que, como espaço formador do sujeito escritor, pode evidentemente influenciar o modo de construção dos textos. Portanto, as autoras radicadas aqui podem ter obras nas quais encontremos representações literárias que explicitem esse pertencimento ao território da unidade federativa em questão. Não adotamos o critério de nascimento porque há autoras que nasceram na Paraíba, mas vivem em outros estados do país. Assim, uma escritora que tenha nascido aqui, mas que viva atualmente em outro estado do território brasileiro, vai ser interpretada, pelo mesmo critério aqui adotado, como pertencente à literatura desse outro espaço, uma vez que defendemos neste trabalho que seu lugar de produção determina ao qual grupo literário este sujeito faz parte.

Dessa forma, o conceito de obra literária aqui adotado foi baseado na concepção tradicional que leva em consideração o número de páginas e o tipo de formato físico da obra, centrado no modelo de livro impresso. Com relação ao conteúdo das obras, não determinamos se os cenários, ambientes ou espaços físicos nelas plasmadas devem estar associados exclusivamente à Paraíba, ou ao Nordeste, configurando a obra como “regionalista”. Os textos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

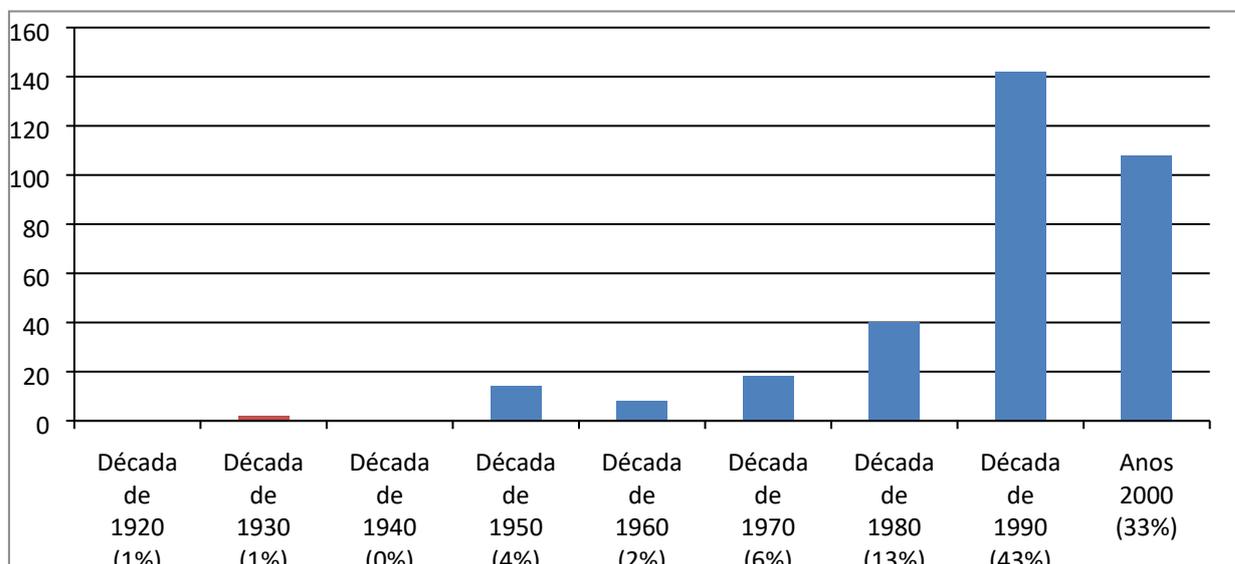
podem ou não ter como cenários a região local, o que significa dizer que não podemos generalizar e afirmar que tudo que se produz na Paraíba seja considerado de cunho “regionalista”. O regionalismo a nível estadual, assim como a nível nacional, é uma tendência dentre as diversas verificadas no âmbito da literatura, e não uma regra geral de tendência a ser seguida por todos os autores, ou seja, o regionalismo é um “fenômeno universal, como tendência literária, ora mais ora menos atuante, tanto como movimento (...) quanto na forma de obras que concretizem, mais ou menos livremente, tal programa, mesmo que independentemente da adesão explícita de seus autores” (CHIAPPINI, 1995, p. 153-154). Queremos entender, aqui, as marcas estilísticas de um regionalismo na obra como fazendo parte do “estilo autoral”, ou seja, não é o fato de se pertencer a um local ou região que vai determinar uma produção literária como regional. Mas o estilo utilizado, desenvolvido em texto específico para cumprir determinada intenção, surtir determinado efeito, isso, sim, problematiza a questão do local/regional, segundo definimos aqui.

Deste modo, retomando quais procedimentos metodológicos foram aqui utilizados, uma das formas de estudo que melhor atende às necessidades desta pesquisa é a descrição, ou seja, descrever o objeto de pesquisa; procurar descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenômenos (BARROS; LEHFELD, 2007, p. 84). As discussões aqui levantadas tomaram como parâmetro os fenômenos interpretados a partir da leitura dos fatos verificados através dos resultados obtidos na pesquisa bibliográfica, por meio da exploração e da busca em sites, bibliotecas, sebos, secretarias de cultura e instituições literárias. A interpretação e análise desses recursos quantitativos pretendem analisar a situação das mulheres no que se refere ao contexto literário local. A seguir temos alguns gráficos elaborados a partir dos números resultantes da catalogação das referidas autoras. Esses dados serão interpretados para a construção de um perfil geral de tais escritoras, levando em consideração as seguintes variáveis: data de publicação das obras; local de publicação; profissão das autoras; década de nascimento; forma de publicação dos livros; gêneros literários.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Gráfico 1: Data de publicação das obras (organizada em décadas, de um total de 386 obras)

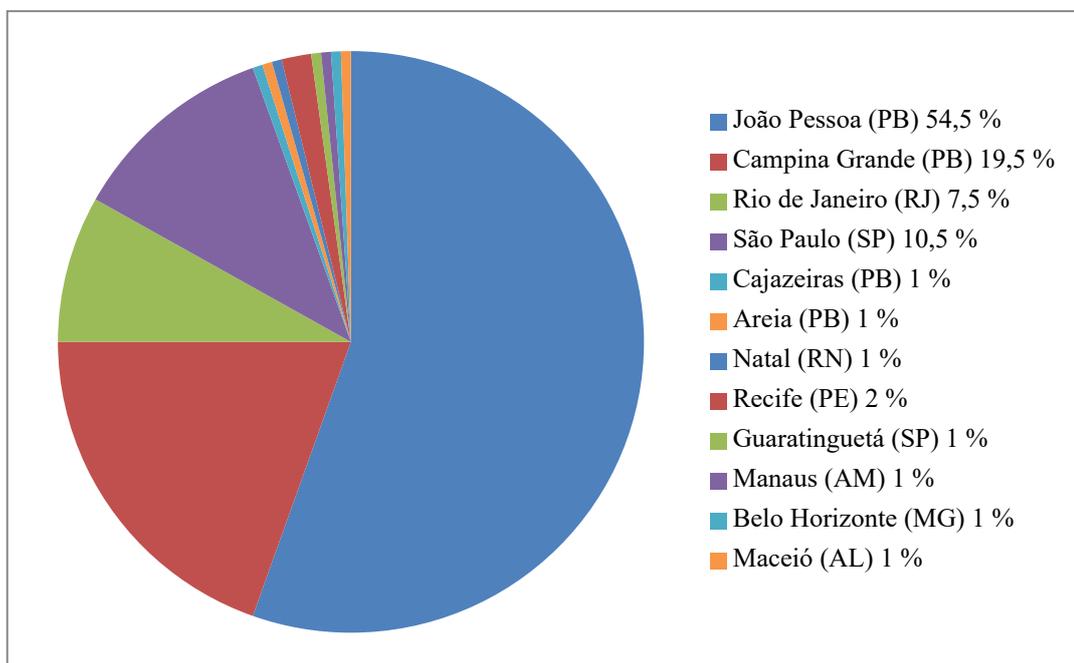


Não registramos obras anteriores à década de 1920. Assim, há o surgimento de obras de autoria feminina na Paraíba a partir desta data, havendo um maior número de publicações com o passar do tempo, considerando aqui o intervalo de décadas. Esse fato está ligado a fatores de ordem histórica e econômica, visto que há uma relação direta deste aumento com a evolução dos equipamentos editoriais, e também a aspectos socioculturais. No começo do século XX a sociedade era baseada em outros pilares e valores, os quais impediam o acesso das mulheres à educação, e conseqüentemente à cultura e à produção bens culturais. O pensamento machista da época colocava a mulher à margem da produção cultural. Dessa forma, dificilmente uma mulher conseguiria publicar no século XIX, devido aos valores daquela época. Com o passar das décadas essas barreiras foram sendo gradativamente quebradas e mais mulheres produzem literatura. Na década de 1990 há um expressivo número de obras publicadas em razão da circulação das coletâneas “Autores Campinenses” e “Autores Parahybanos”, ambas iniciativas do Núcleo Cultural Português e da Editora Caravela. Outra variável aqui considerada diz respeito às cidades nas quais as obras em questão foram publicadas:

Gráfico 2: Local de publicação



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

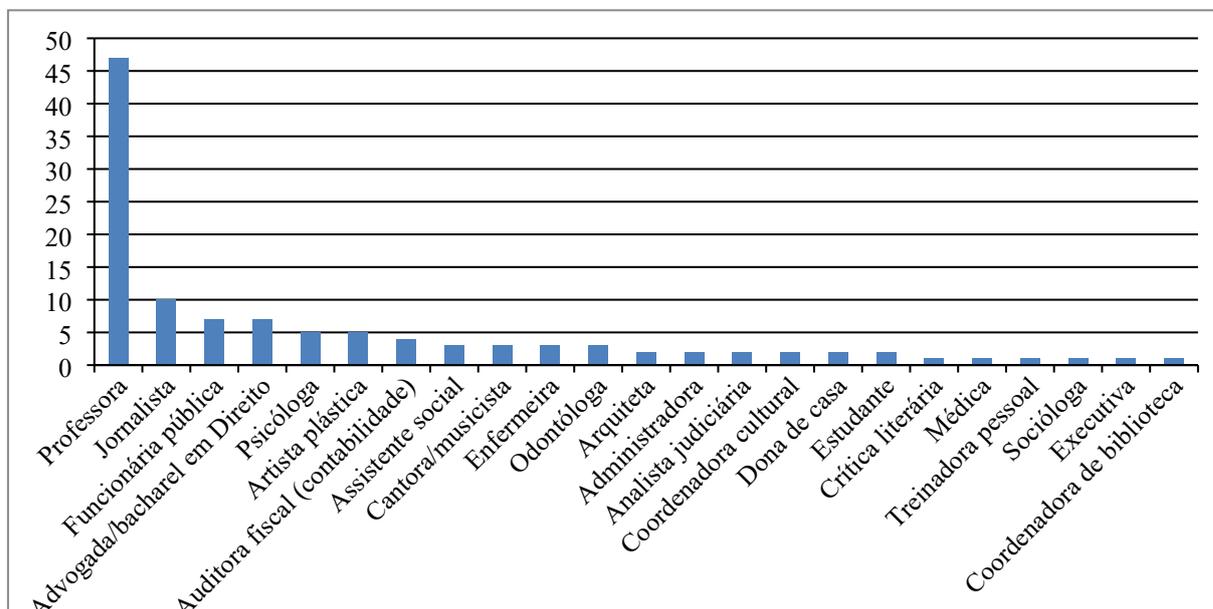


Estes números mostram que o mercado editorial da Paraíba vem se consolidando nos últimos anos, apesar de ainda precisar aumentar sua produtividade. As editoras das cidades paraibanas mostradas no quadro acima (João Pessoa, Campina Grande, Areia, Cajazeiras) são responsáveis por mais de 70 % das publicações catalogadas. Vale salientar, no entanto, que há obras catalogadas das quais não descobrimos em qual cidade ocorreu sua publicação, esses aspectos relativos às poucas informações encontradas nas próprias obras e até mesmo em outros veículos, como blogs, sites e editoras, serão discutidas mais detidamente em outro capítulo. Logo, este gráfico considera os dados conhecidos referentes ao local de publicação. As principais editoras do estado são a Editora Universitária/UFPB e a Editora União, ambas de João Pessoa. Os grandes centros urbanos sediam as principais editoras em razão de seu maior poder econômico. Há uma evidente relação direta entre o poder econômico e o poder cultural, uma vez que o primeiro cria condições para a consolidação do segundo, que, por sua vez, pode gerar lucro para esses centros de poder na maioria das vezes. Assim, há uma relação mútua entre economia e cultura, que afeta o mercado editorial. No quadro a seguir, trazemos a profissão das autoras que fazem parte desta pesquisa:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Gráfico 3: Profissão das escritoras

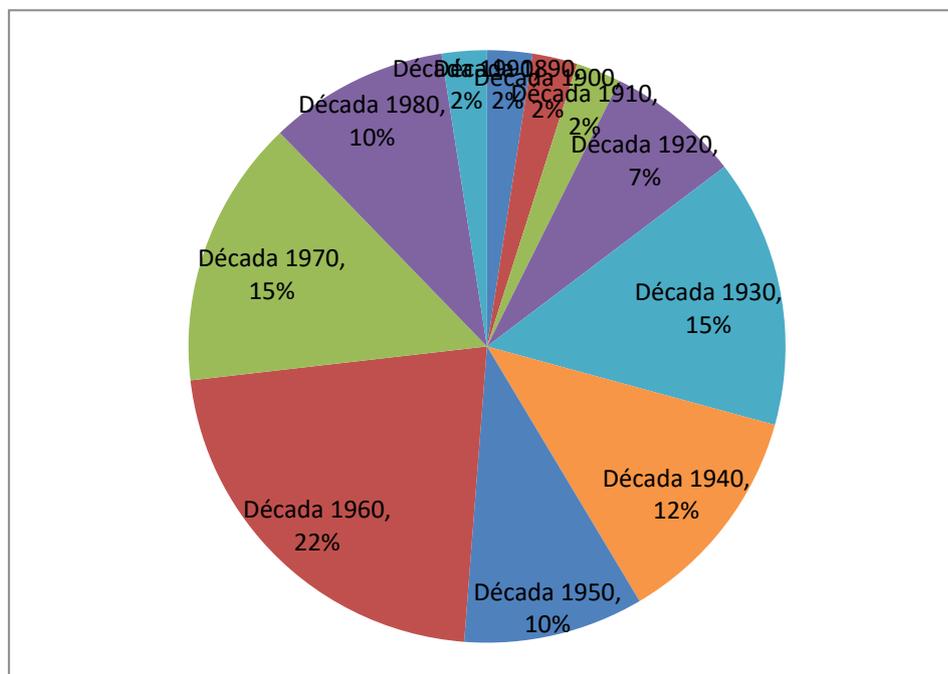


Mais uma vez lembramos que este “Gráfico 3” foi elaborado com base nos dados obtidos, o que significa que há dados profissionais de todas as envolvidas na catalogação. Como podemos perceber, quase metade das escritoras são professoras. Isso mostra que há uma relação direta entre o frequente hábito de leitura e escrita e o incentivo à escrita literária. Essa proximidade com a leitura e com a escrita leva estas mulheres a escolherem um curso superior que mantenha essa relação de intimidade com o texto. Mesmo sendo professoras de disciplinas variadas, as leituras que realizaram impulsionam a busca por uma escrita própria, e a profissão ajuda a manter esta proximidade, tornando-se uma fonte de sustento e caminho para a busca do prazer literário. Do mesmo modo acontece com as jornalistas, que, por meio da prática da escrita profissional, são motivadas à adoção da escrita literária. Outra questão envolvida na relação magistério/escritora se refere às relações humanas travadas em seu meio profissional e o valor atribuído ao outro sujeito, no caso, o aluno. Acreditamos que profissionais dessa área confiam no valor da educação, conseqüentemente no poder da leitura como agente transformador, pois este hábito melhora o aprendizado do aluno e contribui até em seu crescimento pessoal.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Gráfico 4: Década de nascimento das escritoras (41 datas conhecidas)

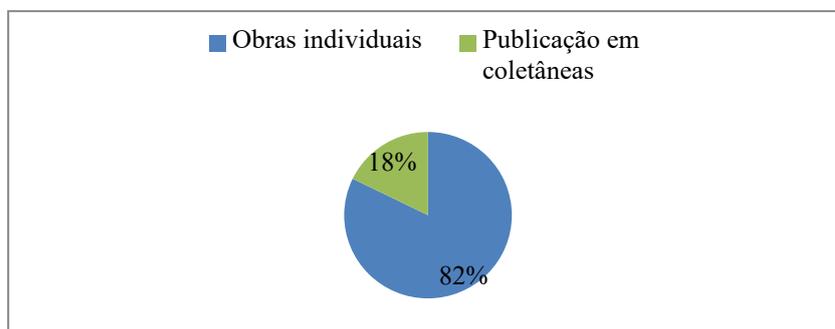


A idade das escritoras acompanha a evolução do pensamento social, uma vez que as mulheres não tinham participação social até o início do século XX. À medida que a sociedade foi evoluindo na questão da valorização e reconhecimento do sujeito feminino os setores da sociedade foram se tornando flexíveis e incluindo também esta parcela da população, antes colocada à margem do que era produzido no âmbito geral da cultura humana. Em razão disso, a partir de 1940 verificamos um maior percentual de datas de nascimento, o que significa que começaram a publicar depois dos anos 1960, justamente depois das lutas empreendidas pelas feministas nesta mesma década, inclusive a revolução sexual. Estes acontecimentos foram de extrema importância para estes sujeitos conquistarem espaço na sociedade, inclusive na literatura, pois, a partir destes fatos houve a divulgação e posterior consolidação da crítica literária feminista, bem como a solidificação da literatura de autoria feminina. Verificaremos no gráfico abaixo, se as autoras publicaram por meio de obras individuais ou se participaram de coletâneas:

Gráfico 5: Forma de publicação das obras

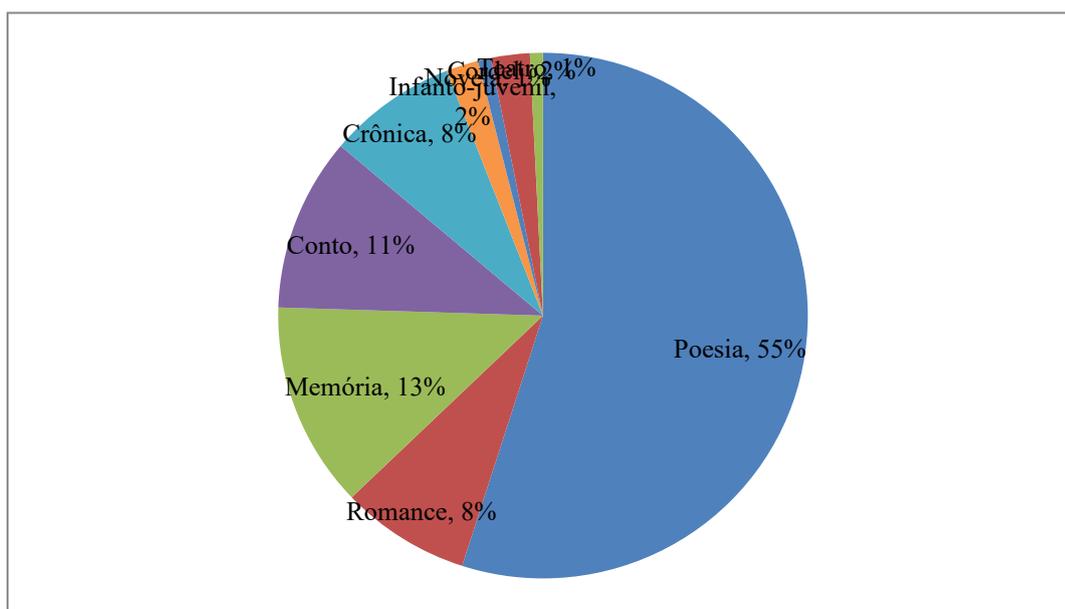


XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES



As principais coletâneas anotadas foram de iniciativa do Núcleo Cultural Português e da Editora Caravela: “Autores Campinenses” e “Autores Parahybanos”, publicada pela Edições Caravela. A cada ano eles publicavam a coletânea referente aquele período de tempo, sendo que circularam no final dos anos 1980 e por toda a década de 1990. Duas autoras aparecem em coletâneas de maior circulação comercial: Marília Arnaud e Maria Valéria Rezende, que tem seus nomes incluídos no livro *Mais 30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*, organizado por Luiz Ruffato. Outra coletânea local de grande importância é a *Pingos Literários*, que também circulou nos anos 1990 e foi editada em Campina Grande.

Gráfico 7: Gêneros literários





XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A presença de autoras é mais forte na poesia. E a temática dominante nesta poesia escrita por mulheres é justamente o amor romântico. Outra questão interessante em relação à escrita de poesia diz respeito ao fato de a maioria das escritoras mais velhas mostrarem uma afinidade maior com este gênero. Ao passo que as mais jovens mostram habilidade com diversos gêneros, como conto, crônica e poesia. Como mencionado, em razão da maior afinidade do sujeito feminino com a poesia, esta foi a porta de entrada delas no mundo da literatura paraibana. O gênero teatral, por sua vez, foi pouco produzido, houve uma produção ínfima deste gênero por parte das escritoras catalogadas. Há o destaque para Maria de Lourdes Ramalho, que é reconhecida na Paraíba e em outros estados pela encenação de seus textos teatrais. Este gênero literário, no geral, é colocado à margem da própria literatura, pois é tratado de maneira rápida nos manuais de literatura e os estudos que lhes são dedicados precisam de mais espaço no âmbito da teoria e crítica literária; isso contribui para o não interesse por este tipo de escrita.

É interessante ressaltar o destaque do texto memorialista (considerado aqui em termos de temática, tom e dicção) como uma das tendências de produção literária feminina. Entretanto, estes textos de cunho memorialista estão presentes muito mais em coletâneas que em obras individuais, o que quer dizer que, em números absolutos, há um maior número de obras individuais de contos e crônicas que de memória. Este tipo de escrita (conto e crônica) também é mais recorrente na obra de autoras mais velhas, o que mostra uma maior afinidade desse segmento de escritoras, as quais já se dedicaram a outros gêneros anteriormente e decidiram diversificar sua produção. Há uma tímida investida nos gêneros romance, novela, cordel e texto teatral, bem como no texto infanto-juvenil. Poesia, neste trabalho, é definida como aquele texto no qual há um maior arranjo linguístico na organização da mensagem, pois recorre-se a recursos sonoros, sintáticos e a figuras de linguagem para criar imagens através das palavras ou para evocar a poeticidade necessária para o texto, e que geralmente é dividido em versos; cordel se configura como uma espécie de poesia publicada em folhetos e colocados à venda pendurados em cordão, daí a origem do nome, e é produzido principalmente na região Nordeste do Brasil seguindo métricas fixas. Os demais conceitos dos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

gêneros literários aqui considerados são os seguintes (o conceito de texto memorialista se encontra no início deste parágrafo e o de literatura infanto-juvenil está no início do capítulo):

Conto: narrativa curta, que condensa conflito, tempo, espaço e reduz o número de personagens, ou seja, tem os mesmos elementos do romance, mas elimina as análises minuciosas, complicações no enredo e delimita o tempo e o espaço; já crônica é definida texto híbrido, curto leve, que aborda temas do cotidiano; romance, por sua vez, se caracteriza como uma narrativa longa, que envolve um número considerável de personagens, de conflitos, e tempo e espaço mais dilatados; novela se define como um romance mais curto, tem um número menor de personagens, conflitos e espaços; texto teatral: narrativa em forma de diálogo, sem a presença de narrador, possui características estruturais que marcam quem fala, onde a cena acontece e indicação de características físicas e psicológicas (GANCHO, p. 13-21).

Essa maior diversificação dos gêneros literários é um sintoma da evolução da própria escrita feminina no contexto nacional, uma vez que, com o passar dos anos, as mulheres foram ousando mais e se deram ao direito de experimentar novos modos de estruturação da escrita. Esta evolução histórico-literária permite que, hoje, a produção feminina leve à reflexão dos próprios limites dos gêneros literários e do que pode ser considerado 'literatura'. A escrita feminina está fazendo vir à tona questões nunca antes verificadas na história da literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário que mais pesquisas sejam direcionadas a essa produção para que haja um aumento gradativo de estudos nessa área, tanto no que diz respeito à pesquisa acadêmica quanto ao interesse da crítica literária. Novos locais produtores de literatura surgem e demandam por uma nova conjuntura literária, mais ampla e democrática. E isso aponta para uma urgente reflexão em torno do cânone literário. O lugar de onde se fala, ou seja, o lugar geográfico de vivência do indivíduo acrescido dos aspectos econômicos, sociais, culturais e sexuais, atua diretamente no fato de conseguir ou não a legitimação de sua manifestação artística.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Novos locais produtores de literatura surgem e demandam por uma nova conjuntura literária, mais ampla e democrática. E isso aponta para uma urgente reflexão em torno do cânone literário. O lugar de onde se fala, ou seja, o lugar geográfico de vivência do indivíduo acrescido dos aspectos econômicos, sociais, culturais e sexuais, atua diretamente no fato de conseguir ou não a legitimação de sua manifestação artística. Nesse sentido, a historiografia literária costuma adotar modelos de interpretação que, de acordo com Kothe (1997, p. 11), atende interesses de oligarquias, fazendo com que não se perceba mais, com a repetição e o estabelecimento do cânone, a diferença entre os fatos havidos e a narrativa desses fatos, entre a interpretação institucionalizante e a natureza do objeto. Isto significa que há uma distância entre o que realmente existe em termos de manifestações literárias e o que é interpretado como literatura, uma vez que essa interpretação segue pressupostos patriarcais, políticos e econômicos, excluindo conseqüentemente aqueles que não se encaixam nesse perfil.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. 3 ed. São Paulo: Pearson Prentice, 2007.
- CHIAPPINI, Ligia. **Do beco ao belo**: dez teses sobre o regionalismo na literatura. Revista Estudos Históricos, vol. 8, nº 15. Rio de Janeiro, 1995, p. 153-159.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2000.
- KOTHE, Flávio Rene. **O cânone colonial**: ensaio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
- RUFFATO, Luiz. **Mais 30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 2005.